

[GILDA CHATAIGNIER]

Graduada em Jornalismo pela UFRJ. Mestre em Artes e Design pela PUC-RJ. Professora e autora de vários livros, entre os quais se destacam *Todos os caminhos da moda* (Rocco, 1997) e *Fio a fio: tecidos, moda e linguagem* (Estação das Letras e Cores, 2007).
E-mail: gilda.chataignier@gmail.com



Lembranças de Clodovil

Uma gravata borboleta. Um franjão negro e depois *argenté* caindo nos olhos (um tanto oblíquos, mas profundamente acesos). Um lenço no bolso com perfume francês ou da Rastro, assinatura olfativa de Aparício Basílio, amigo e criador da água-de-colônia. Uma queda, um AVC, uma parada cardíaca. E assim a morte chegou em março de 2009, deixando um vazio na moda nacional. Em síntese, um signo paulista da moda, que conquistou o Brasil com seus laços e babados, que começou nos anos 1960 e terminou em Brasília na Câmara dos Deputados.

Nascido em Elisiário, interior de São Paulo, Clô, como era chamado pelos muitos íntimos e, por vezes, pela mídia um tanto venenosa, era o que se identificava como "grande costureiro", denominação dada na França aos mestres da alta-costura.

Luxo para ele era uma das palavras-chave. Aliás, a própria moda despida do luxo não teria sentido nenhum. O talentoso costureiro privilegiava a alta-costura, na crença de que ela seria a representação do melhor da moda, uma vez que entronizava no firmamento da mídia as cabeças coroadas e as estrelas de todas as constelações elegantes. E ele, criado pela fina espanhola Isabel Sanchez, sua mãe adotiva e conhecedora de rendas negras, saias amplas e rosas vermelhas, soube bem aproveitar as antigas tradições familiares.



Na verdade desejo aqui lembrar coisas muito suas nas minhas observações jornalísticas por meio de diversas entrevistas que fiz com Clodovil, tanto no Rio como na pauliceia. O tal tom pedante pelo qual foi, às vezes, rejeitado, não era exatamente uma arrogância. Diria que talvez fosse uma ironia refinada, quase sempre mal compreendida nas entrelinhas da moda. Inteligência era o que não lhe faltava, provocando ciúme em deputados insensíveis a maiores sutilezas e em colegas ligados à moda. No canal CNT, no programa *Noites de Gala*, criticou pessoas e fatos da conjuntura com perguntas irônicas e capciosas, gerando assim mais fama de iconoclasta.

E a moda? É disso que quero falar, ainda que sua vida nos leve a visualizar situações insólitas e especiais.

De certa forma era engraçada a sua tessitura com a moda. Se, de um lado, Clodovil trazia para o Brasil o *aplomb* de estilos entendidos como "chiquérrimos" para uma elite, de outro lado, inovou com sua linha prêt-à-porter. Provou que o algodão podia cair tão bem no corpo de uma mulher requintada e, em contrapartida, um vestido de seda pura sem modelagem adequada poderia estragar a festa de uma atriz renomada. Nas últimas coleções criadas, empolgou-se com a malha, transformando-a em pano de luxo, graças aos seus méritos e talentos com a costura. Não era a matéria-prima em si, mas sim a maneira de manipular e cortar o tecido que fazia a diferença. Dizia sempre que "corte era uma questão de mão e que costura era fruto de uma máquina bem azeitada".

Nunca deixou de vender um ou outro tipo de moda, mas havia preferência pelos grandes modelos feitos de chamalote, crepe *georgette*, cetim ondulante, tafetá com seu ruge-ruge e outras preciosidades. A mão firme de Clodovil também desenhava e mandava imprimir tecidos estampados e exclusivos — a grande maioria na tecelagem Santa Constancia, de suas amigas Gabriela Pascolato e sua filha Costanza.

E dizia com pompa e circunstância, tão alto como falava, nos últimos tempos, como deputado nas tribunas de Brasília: "O Brasil, assim como qualquer país, pode ter uma alta-costura, desde que haja uma elite".

Os ornamentos de suas roupas sempre assinaram as peças. Uma espécie de percepção ultrafeminina, tais como laços, nós, babados, frufus, cinturas marcadas por cintos com fivelas que pareciam joias, faixas, botões exclusivos, flores do mesmo tecido utilizado na peça, entre outros. Pura elegância para mulheres contemporâneas e de atitude. O Dedal de Ouro, prestigiado prêmio francês, uma espécie de Oscar da alta-costura, parou em suas mãos mais de uma vez.

Clodovil, com seu olhar aguçado para a estética da moda, lançou uma novidade em seus desfiles: a eliminação do sutiã em quase todas as manequins — que, nessa época, ainda não recebiam a denominação de modelos. Segundo ele, o corpo com seus componentes naturais era a estrutura de um vestido, *tailleur* ou saia.

E os seios eram vistos como base para modelar o caimento (termo comum na moda que indica a maneira pela qual o tecido se acomoda à peça). Há fotos de seus trajes que sugerem, além da ausência do sutiã, uma suave transparência. Claro, nada vulgar, porém, com tom sensual, uma brejeirice com a cara do Brasil.

Sua manequim favorita era Elke Maravilha, a russa que tomou conta de nossas passarelas nos anos 1970. Com seus cabelos loiríssimos, cacheados e armados, sua maquiagem teatral e seu conforto para mostrar qualquer peça, era o retrato falado do lado *over* de Clodovil.

Além do *high society* que seguia sua moda e exibia seus modelos nas colunas sociais do Rio de Janeiro e de São Paulo, atrizes e cantoras também eram suas "freguesas" para os grandes momentos. Uma delas era Elis Regina, miúda e com voz de diva, que se tornava mulherona com os panos esculpidos pelo costureiro.

Vale a pena lembrar seu ateliê na rua Oscar Freire, coração da moda fashion paulista na atualidade, onde Clodovil passava dias e noites: uma casa antiga, mas com toques e peças modernas, com varanda cercada por grade de ferro, plantas, cadeirinhas negras no estilo espanhol e um imenso toldo com bicos na beirada, lembrando um grande hotel cinco-estrelas.

Ateliê, programas na tevê, entrevistas sem fim, desfiles e, mais recentemente, a política construíram sua vida. Um projeto batizado de Casas Clô não teve tempo de se tornar real. Eram casinhas cor-de-rosa, como seus vestidos para debutantes, criadas para servirem de moradia e de ensino para meninas pobres e sem família. Lá elas aprenderiam a alinhar, modelar, cortar, costurar e enfeitar. Também teriam lições como se estivessem no colégio, cama limpa e comida saudável.

Na minha memória e numa caixa de papelão forrada com papel de seda branco, guardo duas lembranças de Clô: um tecido com cerca de três metros de veludo molhado, grande moda nos anos 1970 e 1980, de fundo bege, cor de café com leite e com suas iniciais em tom chocolate: CH (Clodovil Hernandez). Ele brincou que poderia ser meu também, uma vez que remetiam às primeiras letras do meu sobrenome (Chataignier). Isso foi motivo para termos dois dedos de conversa em francês, coisa que gostava de fazer de vez em quando. Também ganhei dele um lencinho de surá¹ de seda pura, com um xadrez sugerindo a calçada de Copacabana, quadrado e pequenino o suficiente para dar um nó no pescoço. Ainda o uso de vez em quando. Mas com o veludo nunca fiz nada, a não ser guardá-lo cuidadosamente. É como se fosse uma relíquia que morasse na caixa, um fetiche da moda.



^[1] Muito utilizado até os anos 1950 no Brasil e ainda hoje presente na alta-costura europeia, é um tecido sarjado de textura fina e mole. É originário da cidade de Surata, na Índia.